

**RAQUEL SILVA BASTOS
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES PÚBLICAS, PROPAGANDA E TURISMO**

RAQUEL SILVA BASTOS

**Mulheres brasileiras em viagem solo:
Um estudo dos medos, inseguranças e a subjetividade feminina na dimensão
do turismo**

**SÃO PAULO
2022**

RAQUEL SILVA BASTOS

**Mulheres brasileiras em viagem solo:
Um estudo dos medos, inseguranças e a subjetividade feminina na dimensão
do turismo**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Escola de Comunicações e Artes - USP -
Departamento de Relações Públicas, Propaganda e
Turismo para a obtenção do título de Bacharel em
Turismo.

Orientador: Prof. Dr. Reinaldo Miranda de Sá Teles

**SÃO PAULO
2022**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Bastos, Raquel Silva
Mulheres brasileiras em viagem solo: Um estudo dos
medos, inseguranças e a subjetividade feminina na
dimensão do turismo / Raquel Silva Bastos; orientador,
Reinaldo Miranda de Sá Teles. - São Paulo, 2022.

33 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo /
Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São
Paulo.

Bibliografia

1. Mulheres. 2. Turismo. 3. Viagem solo. 4. Medo. I.
Teles, Reinaldo Miranda de Sá. II. Título.

CDD 21.ed. - 910

Elaborado por Alessandra Vieira Canholi Maldonado - CRB-8/6194

Àqueles que correram comigo.

RESUMO

Recentemente, o perfil das mulheres que viajam sozinhas ou acompanhadas despertou o interesse de forma singular em um mercado que passou a oferecer produtos especializados para o público feminino. As mulheres, hoje, percebem o turismo como um de seus direitos e liberdades na sociedade e como uma força transformadora do eu, mas ainda, se veem restringidas quando o fator é a segurança ou a falta dela. O quesito segurança é um fator necessário para a escolha de um destino e para as mulheres que viajam sozinhas, é uma informação imprescindível. Nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar a percepção de mulheres brasileiras que viajam solo com a finalidade de debater a subjetividade feminina, o medo e a insegurança da viajante independente como impeditivo de viagem. Os resultados obtidos mostraram que as mulheres brasileiras se sentem mais inseguras do que os homens quando viajam sozinhas, independente do destino e que se apoiam em maneirismos sociais quando em situação de vulnerabilidade.

Palavras-chave: Mulheres; Turismo; Viagem Solo; Medo.

ABSTRACT

Recently, the profile of women who travel alone or with companions has aroused interest in a unique way in a market that started to offer specialized products for the female audience. Women, today, perceive tourism as one of their rights and freedoms in society and as a transforming force of the self, but still, they are restricted when the factor is security or lack of it. The safety issue is a necessary factor when choosing a destination and for women traveling alone, it is essential information. In this context, the present work has the general objective of analyzing the perception of Brazilian women who travel solo with the purpose of debating female subjectivity, fear and insecurity of the independent traveler as an impediment to travel. The results obtained showed that Brazilian women feel more insecure than men when traveling alone, regardless of destination and that they rely on social mannerisms when in a situation of vulnerability.

Key-words: Women; Tourism; Solo Traveling; Fear.

SUMÁRIO

1. Introdução	8
2. A viagem sob a perspectiva da subjetividade do indivíduo	11
2.1. A mulher e o "querer não é poder"	12
2.2. A banalização do inaceitável: A violência contra a autoestima da viajante independente	13
2.3. "Sozinha cê num guenta"	16
3. Constatação dos absurdos: A sociedade patriarcal em tela	18
3.1. Quem não gosta do seu, não gosta do outro	23
Considerações finais	25
Referências bibliográficas	27
Apêndice	31

1. Introdução

O turismo é um dos principais canais de intercâmbio existentes que tomou diversos nomes desde a Grécia Antiga através do ócio, ligado diretamente à cultura, diversão ou religião. Na Idade Antiga o surgimento de peregrinações religiosas ou comerciais contribuiu para o deslocamento de indivíduos aumentando os fluxos de deslocamento durante o período da Idade Média, seguido das grandes expedições marítimas portuguesas, espanholas e inglesas que despertaram curiosidade e interesse por grandes viagens¹. O termo foi, porém, consolidado apenas após o movimento da Revolução Industrial visto que aqui os deslocamentos tinham como objetivo maior o lazer (GYR, 2010).

Resultado de uma cultura ocidental/patriarcal, desde o seu surgimento, as mulheres sempre foram tratadas à parte nesses movimentos de deslocamento; tendo que partir para o enfrentamento para garantir mobilidade. Resultado dessa condição, esta pesquisa procura debater e refletir sobre a forma como são abordadas as questões de gênero no contexto da atividade turística, com maior ênfase nas experiências reais de mulheres em viagens independentes, tendo como enfoque principal a compreensão da formação da sociedade machista atual e como esta atua diretamente como impeditivo nas viajantes brasileiras solo e quais são suas estratégias de enfrentamento quando em viagens. Elenca-se então os objetivos desta pesquisa como o de estudar os fatores que influenciam nas inseguranças das mulheres brasileiras que decidem viajar sozinhas, observando as dificuldades enfrentadas pelos conflitos

¹ A expansão marítima e comercial dos séculos XV e XVI foi um desdobramento do renascimento comercial e urbano iniciado no contexto das Cruzadas (1096-1270), quando a nascente burguesia européia descobriu as especiarias orientais comercializadas nas cidades do leste do Mediterrâneo (Constantinopla, Damasco e Antioquia, entre outras).

multiculturais externos e internos, e analisando as mudanças nos aspectos comportamentais dessas mulheres enquanto viajantes. Nesse contexto, especificamente espera-se:

- A. Identificar os pontos estruturais da sociedade falocêntrica atual que favorecem para a contingência de viajantes independentes;
- B. Conhecer os principais elementos que influenciam ou atuam como impeditivo nas decisões das mulheres em viagens solo;
- C. Determinar os padrões adotados por essas mulheres quando em viagens;
- D. Descobrir dentro do perfil das mulheres entrevistadas suas decisões e opiniões enquanto viajantes solo -ou não, e se não, o porquê.

Esta pesquisa busca analisar a importância de serem levadas em consideração as questões de gênero em todas as dimensões do desenvolvimento da atividade turística contrastado com o desenvolvimento social a fim de identificar as realidades individuais e coletivas das turistas brasileiras independentes. Tendo como principal enfoque a subjetividade individual feminina, a pesquisa etnometodológica qualitativa realizada e analisada procura identificar, de forma holística e integral, como este assunto é apreendido pelo público não-acadêmico com respostas reais a fim de dar visibilidade ao tema.

Não propõe-se, porém, como objeto de estudo, tão pouco como material para referencial teórico, sendo seu principal cunho o de dar luz e trazer o debate para novas questões dentro das discussões de gênero no setor turístico. A pesquisa foi composta por 6 (seis) questões, 4 (quatro) de múltipla escolha demográficas a fim de afunilar o perfil dos entrevistados e trabalhar com as estatísticas de base e 2 (duas) dissertativas sem limite de caracteres com o objetivo de difundir os resultados e identificar a subjetividade individual nas respostas e constam no APÊNDICE I. A pesquisa tem seus elementos textuais apresentados em 2 (dois) capítulos gerais: "A viagem sob a

perspectiva da subjetividade do indivíduo" e "Constatação dos absurdos: A sociedade patriarcal em tela". O primeiro passeia pela discussão da subjetividade no processo de decisão do turista quando em viagem e explora essa subjetividade aplicada nas mulheres viajantes e a violência encontrada diariamente, não só como turista, mas como ser social privado de direitos, com amarras em seu poder decisivo, e a busca da independência enquanto dependente do outro. O segundo traz a pesquisa realizada e elucidada sobre as possíveis escoras da insegurança feminina e como estas foram forçadas a aprender e se comportar de diferentes maneiras e utilizar identificadores sociais como muleta para se sentirem mais seguras.

2. A viagem sob a perspectiva da subjetividade do indivíduo

Os turistas precisam tomar várias decisões antes e durante a viagem, e o processo decisivo é influenciado por diversos fatores específicos, alternativos e situacionais, quando se diz respeito à seleção do grupo de viagem (Wu, Zhang & Fujiwara, 2011). O número de viajantes individuais está crescendo constantemente, e este é o resultado das mudanças demográficas e sociais (Bianchi, 2016; Laesser et al., 2009). As pessoas estão se casando mais tarde, ficando solteiras por mais tempo e o envelhecimento da população está cada vez mais ativo, então essas mudanças no estilo de vida acabam afetando as decisões e demandas de viagens dos indivíduos (Laesser et al., 2009).

Indiscutivelmente, do ponto de vista subjetivo, um dos significados mais importantes de uma jornada é transformar a si mesmo. Romano (2013, p. 35), diz que “o itinerário do turista é planejado visando criar a ilusão do viajante-descobridor” e a experiência pessoal resultante do ato de viajar vem com essa natureza de transformação, inovadora e única. Inicialmente, é preciso entender quais são os conteúdos, desafios e perspectivas da viagem sob o ponto de vista pessoal e subjetivo do viajante para entender as possibilidades oferecidas pela viagem independente, visando compreender o paradigma comportamental para o viajante solo no século XXI.

As rotas e os caminhos de deslocamento em uma jornada têm um valor especial, trazem prazer e encantamento. No processo de busca do mundo, o viajante busca a si mesmo e a sua própria identidade (Figueiredo & Ruschmann, 2004). Afinal, a exploração individual também é coletiva, antes de tudo porque dá sentido à existência individual por meio de experiências diversas e significativas através do outro e embora as experiências virtuais sejam cada vez mais acessíveis - e inclusivas - para substituir as experiências presenciais, nada se compara à vida e aos sentimentos reais. Isso significa que a experiência subjetiva é fundamental para a

caracterização e qualificação da viagem, enfatizando assim que o foco da viagem não é um destino ou um lugar que você quer ou deve ir, mas um conjunto de experiências, um percurso que começa, não onde estará amanhã, mas onde se encontra hoje. Isso significa que os processos e formas de desenvolver e trilhar determinada jornada são mais importantes porque levam a mais aprendizado para o indivíduo. No entanto, quando se trata das questões de gênero, as adversidades em compreendê-las são derivadas de constantes problemáticas que geram conflitos atuais dentro de grupos sociais em qualquer lugar na humanidade. Esta pesquisa considera o movimento feminista sob perspectivas complementares, a partir de suas afirmações e reflexões sobre a relevante literatura recente sobre gênero, pois o assunto perpassa todos os aspectos da vida cultural, econômica, política, social e ambiental, como Beauvoir (1970), Braidotti (2002) e Saffioti (2001).

2.1. A mulher e o "querer não é poder"

As necessidades, habilidades e os direitos femininos são subjulgados desde o primórdio da história da humanidade; sendo categorizadas como “sexo frágil”, as mulheres são condenadas a uma vida de afazeres domésticos e exploração sexual dentro e fora de suas casas. Foi apenas nos séculos XIX e XX que as mulheres brasileiras conquistaram mais equiparidade no voto, nos direitos civis, na educação e na segurança, e assim, mais “liberdade” em sua vida pessoal (AS PRINCIPAIS CONQUISTAS DAS MULHERES NA HISTÓRIA, 2019). Hoje, na sociedade pós-moderna, as mulheres ainda são vistas como atuantes de um papel social secundário que as coloca em imediata desvantagem sob o olhar do outro e de si própria desencadeando uma série de limitações internas e inconscientes que impactam diretamente suas decisões como indivíduo, e viajar sozinhas é uma delas. O processo de subjetivação feminina em viagens solo e a atuação

das mulheres e seu papel político como cidadãs com direitos e responsabilidades influenciam a forma como homens e mulheres experienciam as viagens (Yang, 2017).

Para Berdychevsky et al. (2013), a maneira em que homens e mulheres constroem suas experiências de viagens é influenciada pelas relações de gênero construídas, as mulheres aventureiras -aquelas que se propõem a viajar sozinhas- descrevem sua jornada como um item identitário, uma oportunidade para se sentir livre, forte e independente (Elsrud, 2006). Mas mesmo à luz da busca pelo eu, as evidências comprovam que mulheres encaram riscos que homens não encontram: em público, em casa e, também, em viagens. As viajantes femininas precisam sempre ponderar e validar seu propósito em todas as situações ao longo de suas viagens, o que nos mostra a necessidade de se colocarem sempre atentas e na defensiva para possíveis assédios ou constrangimentos simplesmente por seu status feminino.

2.2. A banalização do inaceitável: A violência contra a autoestima da viajante independente

Poucos estudos acadêmicos examinaram experiências de viagens solo, como o nível de exposição e o nível de restrições ou desafios que as mulheres encontraram durante suas viagens solo e como essas experiências estimulam a conexão da mulher com o eu e contribuem para sua autoestima. A pesquisa mais relevante foi realizada por Wilson e Harris (2006), que examinou como as experiências significativas de viagens solo ajudaram as mulheres a aprender sobre si mesmas, aumentando a auto-capacitação e expandindo suas redes. Como resultado, essas experiências aumentaram significativamente seu senso de identidade, bem como modificaram positivamente suas perspectivas em relação à vida, à sociedade e suas relações com os outros.

O risco de se viajar sozinha é citado em diversas instâncias, inclusive por órgãos públicos de viagem, como o Portal Consular do Itamaraty, que possui uma página dedicada totalmente à

mulheres brasileiras em viagens no exterior, que lista diversos tópicos de possíveis perigos a se atentar durante a jornada, desde Casamento por conveniência à Mutilação genital (MULHERES EM VIAGENS AO EXTERIOR, 2021). As mulheres são colocadas em xeque quando constrangidas por esse medo decorrente de sua própria percepção pessoal de estarem sujeitas ao “olhar masculino sexualizado” (Jordan e Gibson, 2005), além da percepção de seus familiares e amigos, o que muitas vezes é referido como o “olhar resistente de casa”. As autoras sugerem que as mulheres adotam estratégias de enfrentamento para superar esses medos, mas identifica a literatura como pouco pesquisada. O conflito, derivado da discrepância dentre os papéis de gênero estabelecidos pela sociedade, resulta em mulheres afligidas pelo medo que se auto-primem ao não deixar-se aproveitar, em viagens, dos direitos e gozos turísticos, como frequentar a vida noturna e até bares e restaurantes dependendo de onde se encontram.

Um estudo global realizado pela British Airway com 9.000 mulheres mostra que mais de 50% delas já haviam viajado sozinhas, e, 75% das entrevistadas estavam planejando uma viagem solo nos próximos anos (ADVENTUROUS. ALONE. ATTACKED. 2019). Enquanto cada vez mais mulheres decidem explorar o mundo por si, não há nenhum estudo geral para mensurar a escala de violência contra mulheres que viajam sozinhas, dificultando apontar se os ataques estão crescendo ou se as pessoas estão se tornando mais conscientes. Acredita-se que uma das principais razões pela falta de dados deve-se ao fato de que a maioria dos países não contabiliza as ocorrências contra viajantes solo pelo medo da publicação do resultado possivelmente ocasionar uma deterioração da sua imagem como destino turístico, ainda que no entanto, seja possível observar estatisticamente a violência contra as mulheres em determinado país. Esses problemas afetam as práticas turísticas em algumas regiões, os relatos persistentes de violência contra as mulheres de um destino refletem a negativa realidade da sua comunidade. Segundo

Asher e Lyric Fergusson (2019), o Brasil está na segunda posição dentre os países mais perigosos para se viajar sozinha, ficando atrás apenas da África do Sul. A pesquisa realizada pelas autoras utilizou um sistema de pontos com enfoque em 8 fatores para a determinação do ranking com base em informações coletadas de órgãos de pesquisa oficiais.



Figura I - The Worst (& Safest) Countries for Solo Female Travel in 2019. Asher e Lyric Ferguson. 2019.

Reisinger & Mavondo (2006) queriam estudar se turistas de diferentes países têm diferenças na percepção de risco, ansiedade e intenção de viajar. Os resultados mostraram que os turistas de Hong Kong, Canadá e Austrália veem os riscos culturais como mais altos do que outros turistas, e os turistas dos EUA e do Reino Unido estavam menos preocupados com os riscos à saúde. Relativamente pouca pesquisa anterior foi encontrada sobre os riscos em relação às mulheres que viajam sozinhas especificamente. No entanto, pode-se dizer que pesquisas discutidas anteriormente sobre as restrições das mulheres que viajam sozinhas estão relacionadas aos riscos de viagem, pois muitas das restrições encontradas também são percebidas como riscos. Por exemplo, nas entrevistas realizadas por Wilson & Little (2005), o conceito de risco esteve

presente quando os entrevistados falaram sobre suas limitações. É importante ressaltar que muitos dos abusos de gênero que ocorrem com turistas são apenas reflexos e expectativas sociais que existem no cotidiano do destino e como as mulheres daquela sociedade são vistas dentro da comunidade, por isso, é comum que exista intrinsecamente nas mulheres estratégias de enfrentamento quando em uma possível situação de risco.

2.3. "Sozinha cê num guenta"

Ao falar sobre a restrição de atenção indesejada e assédio sexual, notou-se que ser uma mulher vulnerável resultou em maior percepção de risco de experiências desagradáveis e perigo. Os riscos percebidos também limitaram a participação das mulheres que viajam sozinhas em atividades específicas e as impediram de visitar certas áreas e lugares. No entanto, as entrevistadas do estudo estavam cientes de que restrições e riscos fazem parte da experiência de viajar sozinha, mas isso não as impediu de continuar viajando sozinhas (Wilson & Little, 2005). A análise mostrou que as mulheres foram afetadas pelas preocupações e dúvidas dos outros, fazendo com que elas próprias racionalizassem e enfrentassem o potencial de risco. Locais desconhecidos e atividades noturnas foram mencionados particularmente criando medo, indicando que lugares desconhecidos durante a noite são percebidos como arriscados pelas mulheres que viajam sozinhas.

Puderam ser identificadas 2 técnicas semelhantes às teorias de Valentine (1989) e Wilson e Little (2008):

- A. Vestir-se com modéstia e sem exageros;
- B. Manter contato com a família;
- C. Usar uma aliança de casamento.

Todas as três estratégias são consideradas um suporte às mulheres para que consigam superar uma série de restrições, incluindo seus próprios medos e de sua família e amigos. Deve-se notar que Valentine (1989) sugere que as estratégias de enfrentamento são amplamente dependentes da idade, renda e estilo de vida, e, portanto, podem variar de indivíduo para indivíduo, dependendo desses fatores. Os entrevistados também ilustraram que o medo e as experiências assustadoras os fizeram negociar seu comportamento e restringir seus movimentos. Por exemplo, descobriu-se que as mulheres desviavam a atenção delas vestindo-se com modéstia, comportando-se de acordo com as normas femininas locais, mantendo-se atentas o tempo todo e deixando lugares onde se sentiam em perigo (Wilson & Little, 2008).

3. Constatação dos absurdos: A sociedade patriarcal em tela

Para melhor comparação, o público-alvo da pesquisa eram homens e mulheres brasileiros de todas as idades que tinham interesse e/ou já haviam praticado a modalidade de viagens solo. Os principais pontos a serem estudados através dessas perguntas são:

- A. O papel social pré-estabelecido às mulheres impacta suas decisões de viagem solo?
- B. Como o medo do desconhecido e as inseguranças femininas intrínsecas atuam como impeditivo nas viagens independentes?
- C. Quais são os maiores métodos de confronto adotados quando em viagens por estas mulheres?

As perguntas aplicadas na pesquisa pela plataforma do Google Forms e disseminada através dos aplicativos sociais (Instagram, Facebook, WhatsApp e Twitter) foram formuladas a fim de observar os apontamentos gerais a serem estudados e refletem no microambiente interpessoal a realidade social em que os entrevistados estão inseridos. Para a elaboração do referencial teórico, foi realizada uma investigação em diversas fontes. Foram utilizadas como palavras-chave: “Mulheres viajantes”, “Mulheres em viagem solo”, “Segurança em viagens” e “Turismo”. Para a busca que compuseram este estudo, foram utilizados os bancos de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO), Google, Google Acadêmico e Dedalus USP sob os idiomas dos descritores de busca em: inglês, português e espanhol. Por fim, o período da coleta de dados se iniciou em janeiro de 2021 e foi concluído em dezembro de 2021.

A primeira etapa da pesquisa consistiu na leitura, seleção e no fichamento dos artigos teóricos selecionados relativos às mulheres em viagens independentes, com ênfase nos textos relacionados à pesquisas qualitativas etnometodológicas, literatura histórica feminina e estratégias de enfrentamento; a segunda enfoca na identificação das principais questões a serem levantadas durante a pesquisa aplicada, identificação do público-alvo e canais de divulgação; por fim, os dados coletados servem como base de análise e representam os resultados e conclusões finais deste estudo. Seguindo o esquema a seguir, a pesquisa se deu:

1. Coleta e revisão bibliográfica
2. Seleção e fichamento da literatura de base
3. Elaboração das questões e identificação dos indivíduos aptos para a pesquisa
4. Aplicação da pesquisa etnometodológica e análise de dados
5. Conclusão da pesquisa e redação do relatório final

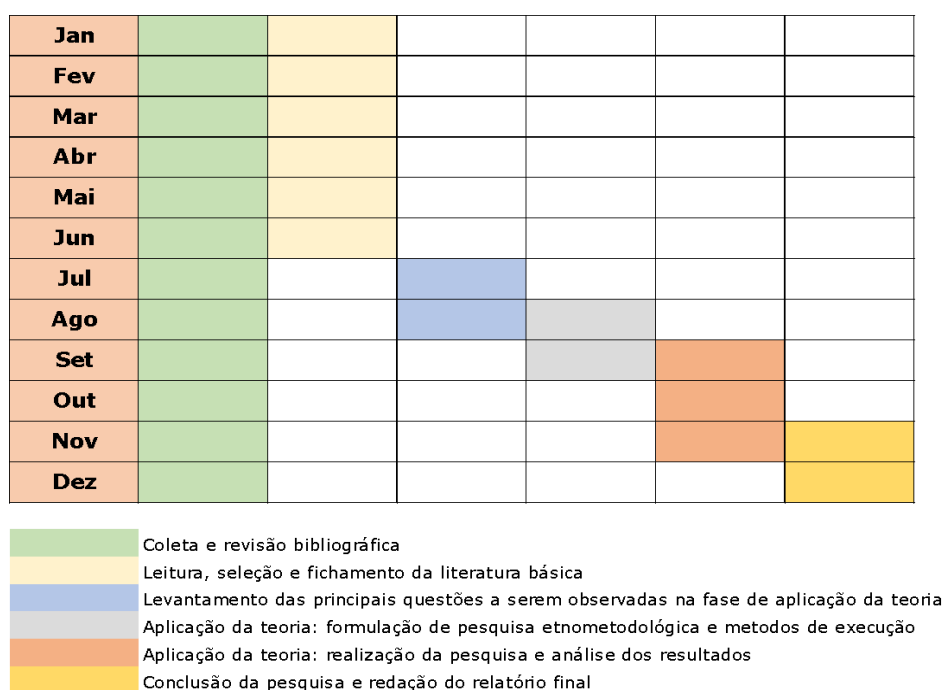


Figura I | Fonte: Elaboração própria. 2021

A quantidade amostral registrada na pesquisa foi de 41 entrevistados, sendo 28 mulheres (67,5%), 12 homens (30%) e 1 gênero-fluido (2,5%), os dados primários foram coletados anonimamente e os resultados das perguntas (Apêndice 1) se dão conforme análise.

Eu sou...
41 respostas

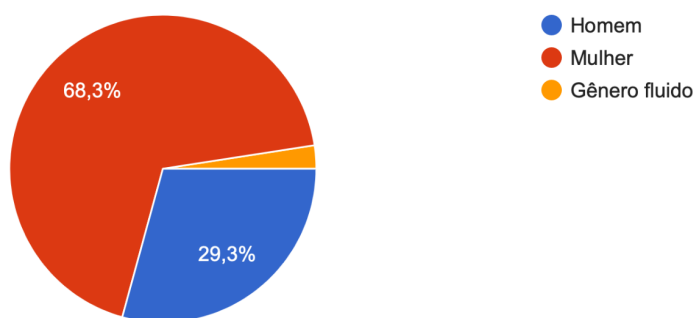


Figura II | Fonte: Elaboração própria. 2021

Eu viajei sozinho (a) nos últimos 3 anos...
41 respostas

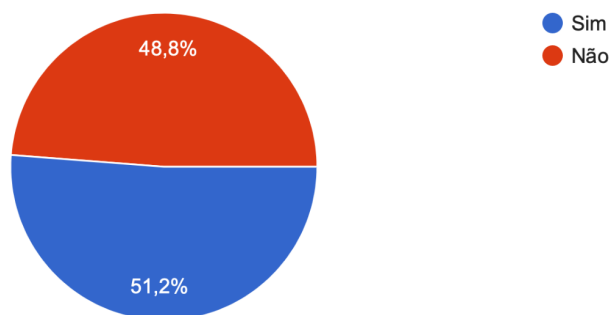


Figura III | Fonte: Elaboração própria. 2021

Eu me sinto seguro(a) em viajar solo?

41 respostas

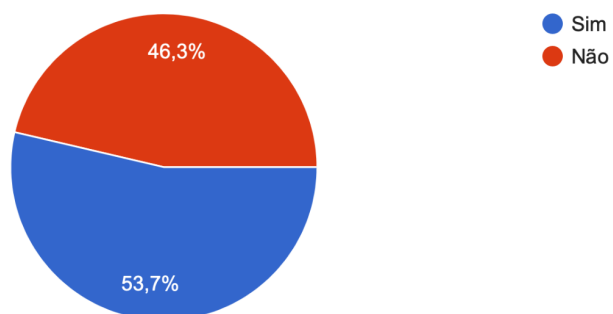


Figura IV | Fonte: Elaboração própria. 2021

Minha(s) maior(es) preocupação(ões) quando em viagem é(são)....

41 respostas

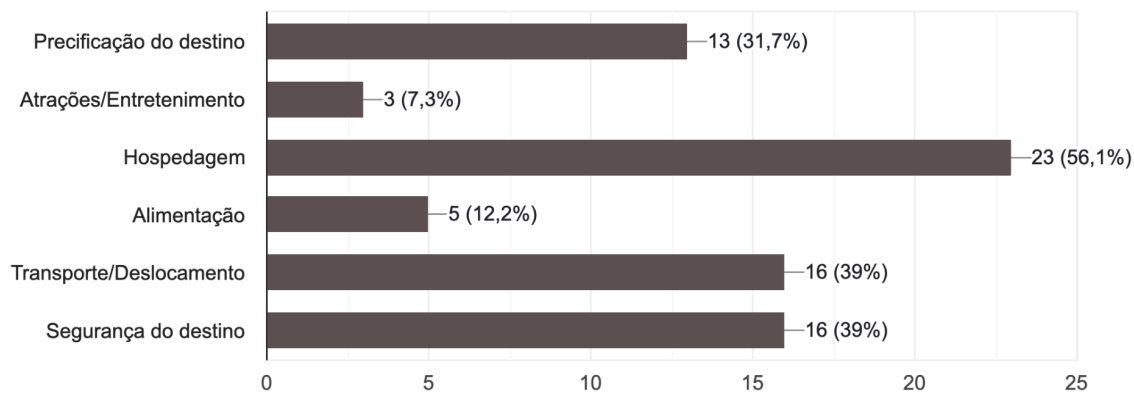


Figura V | Fonte: Elaboração própria. 2021

As especificidades nos gráficos obtidos das questões fechadas de múltipla escolha reafirmam o aumento de autonomia e do querer explorar feminino, mas reforçam a divergência nas questões de gênero. Observa-se que dentro dos 46,3% de entrevistados que não se sentem seguros em viajar sozinhos 10% são homens (2) e 90% mulheres (17) enquanto os entrevistados que se sentem seguros (53,7%) são representados por 45,5% homens (10), 50% mulheres (11) e 4,5% gênero-fluido (1). Assim como na Figura V, 39% elegeu Segurança do Destino como uma das suas maiores preocupações em viagens, dentro destes, novamente, apenas 2 são homens. Mesmo que o número de entrevistados homens e mulheres não estejam equiparados, ainda é possível observar que mais da metade do público feminino ainda não se sente segura o suficiente para viajar sozinha, diferentemente do masculino que em quase totalidade enxerga essa liberdade.

Nas perguntas abertas, as entrevistadas indicaram como grandes impeditivos de viagem o medo de estar sozinha, violência, falta de informação suficiente relacionada a segurança do local, insegurança por estar em meio ao desconhecido sendo mais relevantes do que questões de enfrentamento social como falta de tempo e dinheiro, ao contrário dos entrevistados que elencaram em sua totalidade as questões referentes a segurança em segundo plano. Corroborar-se com a pesquisa de Wilson e Little (2008) quando as entrevistadas elegem métodos e artimanhas para se sentirem mais seguras quando se veem em uma situação de risco. As mulheres da pesquisa informaram que em risco durante a viagem:

- A. Buscam abrigo em lugares movimentados;
- B. Fingem estar ao telefone;
- C. Contactam imediatamente às autoridades;
- D. Envia sua localização a amigos e familiares.

Estes apontamentos reforçam a necessidade da mulher somente se sentir segura em viagem quando com terceiros, principalmente se comparado diretamente com respostas como "nunca estive em uma situação de risco" ou "não havia pensado nisso" fornecidas por alguns dos homens entrevistados. Algumas mulheres relataram levar itens que poderiam ajudar em um possível ataque, como fios, canetas, spray de pimenta e chaves.

A mulher, mesmo que não se sinta segura para viajar, mesmo que ainda não tenha viajado só, está preparada, preocupada e atenta para todas as situações de risco possíveis. A viajante do Brasil, assim como em muitos países orientais, é submetida à políticas antifeministas, e já se vê engatilhada para enfrentar o que quer que seja necessário. Os homens entrevistados, quando preocupados com a segurança do destino, viam-se em frente a uma situação de perda de pertences e objetos, violação direta aos seus bens materiais, quando se ameaça uma mulher viajante independente, o seu medo é pela perda de identidade, violação do seu primitivo e pessoal.

3.1. Quem não gosta do seu, não gosta do outro

As mulheres estão se libertando, desde o início, das amarras impostas porcamente em suas escolhas, mas é inegável que o medo e as inseguranças ao viajar permanecem, uma vez que não se sentem seguras de sua identificação e do outro dentro do seu cotidiano. As culturas são importantes para entender esse contexto porque em muitos países as mulheres são constrangidas de diferentes maneiras. Em alguns países orientais, uma mulher ocidental pode ser negligenciada principalmente por causa de seu traje. Nesses países, a roupa pode atrair olhares e insultos verbais à medida que ganha mais atenção. Mesmo um homem que entenda que as diferenças culturais existem e devem ser respeitadas, não vai aderir a elas.

Ainda que o empoderamento feminino esteja cada dia mais presente na sociedade contemporânea, é necessário uma análise focada no indivíduo. O coletivo cresce e se fortalece, mas as relações opressor-oprimido continuam intrinsecamente presentes dentro das decisões e perspectivas individuais. As formas de violência contra as mulheres vivenciadas em seu cotidiano, por meio da mídia e terceiros também contribuem para percepções de medo e insegurança. A violência é uma das formas pelas quais os homens mostram que ainda se sentem superiores às mulheres, e isso é feito de forma ativa e passiva, rebaixando a imagem da mulher e, assim, fazendo com que se sintam impotentes.

Uma mulher desacompanhada prefere lugares onde se sinta mais segura e menos assustada, mas sempre cautelosa. O viajante individual tenta se proteger de forma imponente, vestindo-se não parecendo um turista, principalmente porque sabe que existe um risco. Essas mulheres não apenas levam em consideração os riscos psicológicos e físicos dos homens ao viajar, mas também procuram se sentir seguras de quaisquer riscos aos quais estejam vulneráveis.

Considerações finais

No cenário das tendências globais de desenvolvimento do turismo, este estudo selecionou as mulheres como protagonistas de suas experiências em viagens independentes e tudo o que isso significa. Portanto, a crescente demanda por esse tipo de viagem gera uma série de especificidades, novidades e exigências e deve ser tratada como um segmento que o mercado deve atender melhor (Buhalis, 2001; McNamara & Prideaux, 2010). As descobertas e os aprendizados que as mulheres vivenciam nas viagens independentes promovem um leque de possibilidades relacionadas às suas conquistas, entendidas como um discurso de liberdade que remete à natureza ativa da relação entre o indivíduo e a sociedade, relacionada ao discurso que nela vive o corpo, que compõe esse corpo e, portanto, se mistura com ele (Butler, 2004).

Além dessas considerações, a pesquisa aponta para dimensões ainda não exploradas em termos de viagens independentes para mulheres, capazes de explorar as necessidades, experiências e desafios dos viajantes. Nesse sentido, com todas as formas e possibilidades de emancipação contínua que as mulheres desfrutam hoje, a viagem independente se apresenta como uma forma sutil de alcançar a autonomia e reexaminar hábitos e costumes estabelecidos. Por fim, esses espetáculos de viagem ganharam espaço, tanto na esfera pública quanto na privada, transformando sutilmente padrões estabelecidos, rompendo fronteiras, desconstruindo preconceitos de gênero, empoderando as mulheres como sujeitos de direito. Eles atualizam e desconstróem o discurso sobre o lugar e o papel da mulher na sociedade contemporânea, por meio de seus comportamentos e ações durante as viagens. A partir de uma visão mais precisa da viagem independente, esta pesquisa visa agregar valores que a sociedade possa assimilar e que possam estender as possibilidades de processos subjetivos às mulheres.

No geral, a pesquisa realizada contribui para as pesquisas existentes sobre risco e turismo e, além disso, fornece uma perspectiva nova e segmentada, concentrando-se em mulheres brasileiras que viajam sozinhas. Ainda são necessárias pesquisas aprofundadas sobre o impacto dessas mulheres viajantes nos destinos turísticos, bem como questões para seu bem-estar. A análise e estudo do novo perfil dessas mulheres viajantes é importante, pois é principalmente uma fonte de renda para os locais. Ainda há pouco conteúdo teórico sobre esses temas, o que é importante para entender o perfil, auxiliar na publicidade do destino e implementar estratégias de segurança nas áreas locais. O enfoque da indústria turística precisa voltar-se para a identificação das necessidades empíricas das viajantes, principalmente em termos de segurança, por meio de marketing e políticas públicas, ainda há tempo de reparação e modificação do mercado para adequar-se às mulheres viajantes independentes, uma vez que, compreende-se que esse perfil de viajante é considerado relativamente novo para o turismo, mas requer conscientização e pesquisa acerca visto a importância e rapidez com a qual o movimento feminista se expande e as mulheres tomam a frente das suas próprias decisões.

Referências bibliográficas

Adventurous. Alone. Attacked. (Published 2019). The New York Times, [S. l.], 2021. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2019/03/25/travel/solo-female-travel.html>. Acesso em: 21 jun. 2021.

ASHCROFT, Lucy. | TSVC | Tourism Students Virtual Conference. 2021. Disponível em: <http://www.travel-conference.co.uk/commentries.php?paper=365>. Acesso em: 6 maio. 2021.

BEAUVOIR, Simone De. O Segundo Sexo: Fatos e Mitos. [s.l.] : São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970. v. 4a Ed

BERDYCHEVSKY, Liza; GIBSON, Heather; PORIA, Yaniv. WOMEN'S SEXUAL BEHAVIOR IN TOURISM: LOOSENING THE BRIDLE. Annals of Tourism Research, [S. l.], v. 42, p. 65–85, 2013. DOI: 10.1016/j.annals.2013.01.006.

BIANCHI, Constanza. Solo Holiday Travellers: Motivators and Drivers of Satisfaction and Dissatisfaction. International Journal of Tourism Research, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 197–208, 2015. DOI: 10.1002/jtr.2049. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/jtr.2049>. Acesso em: 22 jun. 2021.

BRAIDOTTI, Rosi. Diferença, Diversidade e Subjetividade Nômade. [s.l: s.n.]. Disponível em: http://www.historiacultural.mpbnet.com.br/feminismo/Diferenca_Diversidade_e_Subjetividade_Nomade.pdf. Acesso em: 27 jun. 2022.

CARVALHO, Gisele; BAPTISTA, Maria Manuel; COSTA, Carlos. Vou Sozinha: A viagem independente como espaço de resistência no feminino. *In: XII ENCONTRO INTERNACIONAL OTIUM 2019, Anais [...].* [s.l: s.n.]

CARVALHO, Gisele; BATISTA, Maria Manuel; COSTA, Carlos. Mulheres que viajam sozinhas: Reflexões sobre gênero e experiências turísticas. *Revista Turismo & Desenvolvimento, [S. l.], v. 23, p. 59–67, 2015. DOI: 10.34624/rtd.v0i23.11007. Disponível em: <https://proa.ua.pt/index.php/rtd/article/view/11007>. Acesso em: 6 maio. 2021.*

ELSRUD, T. Gender creation in travelling, or the art of transforming an adventuress. *Tourism consumption and representation: narratives of place and self, [S. l.], p. 178–195, 2006. DOI: 10.1079/9780851996783.0178.*

FERGUSSON, Asher. The Worst (& Safest) Countries For Solo Female Travelers in 2019. 2019. Disponível em: <https://www.asherfergusson.com/solo-female-travel-safety/>. Acesso em: 22 jun. 2021.

FIGUEIREDO, Silvio Lima; RUSCHMANN, Doris Van De Meene. Estudo genealógico das viagens, dos viajantes e dos turistas. *Novos Cadernos NAEA, [S. l.], v. 7, n. 1, 2004. DOI: 10.5801/ncn.v7i1.40.*

GYR, Ueli. *The History of Tourism: Structures on the Path to Modernity. [S. l.], 2010. Disponível em: <https://www.worldcat.org/title/history-of-tourism-structures-on-the-path-to-modernity/oclc/785092579>. Acesso em: 25 jul. 2021.*

JACOBS, Jessica. Sex, Tourism and the Postcolonial Encounter. 2011. Disponível em: <https://books.google.com/books?hl=pt-BR&lr=&id=nsMUikB80wYC&oi=fnd&pg=PR7&dq=travelling+alone+%22dangers+of+women%22&ots=IOH4f1WkI&sig=0eyQC-OJ7cEaZcwqr7bn4OJMnDI#v=onepage&q=travelling%20alone%20%22dangers%20of%20women%22&f=false>. Acesso em: 6 maio. 2021.

JORDAN, Fiona; GIBSON, H. We're not stupid... but we'll not stay home either: Experiences of solo women travellers. *Tourism Review International*, [S. l.], v. 9, n. 2, 2005. Disponível em: <https://uwe-repository.worktribe.com/output/1053094/were-not-stupid-but-well-not-stay-home-either-experiences-of-solo-women-travellers>. Acesso em: 22 jun. 2021.

KHAN, Sonia. Gendered leisure: Are women more constrained in travel for leisure? *Tourismos: an International Multidisciplinary Journal of Tourism*, [S. l.], v. Volume 6, n. 1, p. 105–121, 2011. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/50418223_Gendered_leisure_Are_women_more_constrained_in_travel_for_leisure. Acesso em: 6 maio. 2021.

LAESSER, Christian; BERITELLI, Pietro; BIEGER, Thomas. Solo travel: Explorative insights from a mature market (Switzerland). *Journal of Vacation Marketing*, [S. l.], v. 15, n. 3, p. 217–227, 2009. DOI: 10.1177/1356766709104268.

MCNAMARA, Karen Elizabeth; PRIDEAUX, Bruce. A typology of solo independent women travellers. *International Journal of Tourism Research*, [S. l.], v. 12, p. 253–264, 2009. DOI: 10.1002/jtr.751. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/jtr.751>. Acesso em: 6 maio. 2021.

Mulheres em viagens ao exterior. 2021. Disponível em: <http://www.portalconsular.itamaraty.gov.br/antes-de-viajar/mulheres-em-viagens-ao-exterior>. Acesso em: 22 jun. 2021.

ROMANO, Contatori. VIAGENS E VIAJANTES: UMA LITERATURA DE VIAGENS CONTEMPORÂNEA. Revista Estação Literária, [S. l.], v. 10, n. 10B, p. 33–48, 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL10B-Art3.pdf>.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. Cadernos Pagu, [S. l.], n. 16, p. 115–136, 2001. DOI: 10.1590/s0104-83332001000100007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cpa/n16/n16a07>. Acesso em: 16 abr. 2021.

VALAJA, Essi. Solo Female Travellers’ Risk Perceptions and Risk Reduction Strategies -As Expressed in Online Travel Blog Narratives. [s.l: s.n.]. Disponível em: <http://lup.lub.lu.se/luur/download?func=downloadFile&recordId=8947243&fileId=8947244>.

VALENTINE, Gill. The Geography of Women’s Fear. 2021. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/20000063?read-now=1&refreqid=excelsior%3A9750f89e830349712997c17a0916777d&seq=1#page_scan_tab_contents. Acesso em: 6 maio. 2021.

WILSON, Erica; LITTLE, Donna. The Solo Female Travel Experience: Exploring the “Geography of Women’s Fear”. 2011. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.2167/cit342.0>. Acesso em: 22 jun. 2021.

WU, LINGLING; ZHANG, JUNYI; FUJIWARA, AKIMASA. Representing tourists’ heterogeneous choices of destination and travel party with an integrated latent class and nested

logit model. *Tourism Management*, [S. l.], v. 32, n. 6, p. 1407–1413, 2011. Disponível em: <https://ideas.repec.org/a/eee/touman/v32y2011i6p1407-1413.html>. Acesso em: 22 jun. 2021.

YANG, Elaine. Risk perception of Asian solo female travellers: An autoethnographic approach. *In: Women and Travel: Historical and Contemporary Perspectives*. [s.l.] : Apple Academic Press, 2017.

YANG, Elaine Chiao Ling; KHOO-LATTIMORE, Catheryn; ARCODIA, Charles. Power and empowerment: How Asian solo female travellers perceive and negotiate risks. *Tourism Management*, [S. l.], v. 68, p. 32–45, 2018. DOI: 10.1016/j.tourman.2018.02.017. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0261517718300414?viewFullText=true>. Acesso em: 6 maio. 2021.

Apêndice

Apêndice I - Formulário

O formulário abaixo é a versão editável o qual foi submetido a plataforma online Google Forms como forma de coleta:

Para os que se aventuram....

Pesquisa a ser explorada como resultados no Trabalho de Conclusão de Curso da aluna Raquel Silva Bastos com a orientação do Prof. Dr. Reinaldo Miranda de Sá Teles ao curso de Turismo da Escola de Comunicações e Artes, apresentado ao Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Universidade de São Paulo - USP.

Múltipla escolha

- Eu sou...
 - Homem
 - Mulher
 - Outro
- Eu já viajei sozinho (a) nos últimos 3 anos...
 - Sim
 - Não
- Eu me sinto seguro(a) em viajar solo?
 - Sim
 - Não
- Minha(s) maior(es) preocupação(ões) quando em viagem é(são).... - seleção de até duas opções
 - Precificação do destino
 - Atrações/Entretenimento
 - Hospedagem
 - Alimentação
 - Transporte/Deslocamento
 - Segurança do destino

Dissertativa (campo aberto)

- Eu já deixei de viajar por....
- Quando me encontro em situação de risco em viagens, eu....